

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.026

Domingo, 26 de Março de 1922

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegraphico: Talharia-Lisboa#Telefone 5339-C

Officina de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

A confirmar-se a deportação dos presos para as colónias sem culpa formada nem julgamento, como explica o governo o seu acto perante a lei e a consciência humana?

Se não se confirma — e antes assim seja — porque os não põe já em liberdade, inocentes como estão de toda a culpa?

## PIOR QUE A PENA DE MORTE!

# OS PRESOS VÃO SER DEPORTADOS?

Informações particulares que ontem nos trouxeram afirmam que o governo — o governo de democráticos que tanto verberaram a atitude de Sidónio Pais quando este ordenou várias deportações — pretende cometer **HOJE** o odioso crime, a tremenda arbitrariedade, a revoltante injustiça de enviar no vapor «Porto», para Angra do Heroísmo, os presos que há mais de quinze dias mantém, sem culpa formada, nos Fortes de Sacavém e de S. Julião da Barra.

Serão verdadeiras estas informações? A nossa lealdade e boa-fé pretendem que não. Mas as ameaças veladas que teem sido feitas provocam-nos uma desconfiança íntima, quasi nos convencem de que o sr. António Maria da Silva, que já confessou que as prisões arbitrárias eram da sua exclusiva responsabilidade, será capaz de cometer mais uma infâmia, a última das infâmias! — deportar, sem o mais leve arremedo de processo ou de julgamento, cerca de duas centenas de operários.

Será verdade o que nos consta? Será realmente esta a intenção do sr. António Maria da Silva?

Se efectivamente o «Porto» se preparar para largar esta manhã, o operariado deverá levantar-se em massa e, nobremente, eficazmente, agir de forma enérgica que ponha côbro aos abusos de autoridade que este governo — não sabemos se a sôdo da Confederação Patronal — está praticando impunemente, com o aplauso unânime de todos os reaccionários, de todos os monárquicos que quando triunfantes foi preciso o auxilio de muitos dos operários, hoje presos, para os vencer, para os fazer encolher as garras e delas arrancar os «bons» republicanos que neste momento nos perseguem ferozmente.

## Operários de todo o país:

A' infâmia que se pretende praticar é preciso opor uma acção rápida e enérgica!

## A Soberania do Proletariado

No curso dos tempos idos, um dia frente a frente se encontraram duas soberanias rivais: a soberania revolucionária que nasce e a soberania tradicional que declina. Nenhuma teve forças suficientes para o exterminio da outra. Transaccionaram. Daí resultou a Carta Constitucional...

Esta se exerce, pelo governador civil no distrito, pela guarda municipal e policia nas ruas, pela campanha presidencial no parlamento. Retirem esses três meios de pura coacção física — e que por minguia de elementos de ordem moral offendem no mais vivo a soberania da nação; fechem-nos duas horas que sejam, cerrados a bom resguardo, e verão como se esbarram as miséras fôrças constitucionais, de que vivem umas centenas de indivíduos e de que morre uma nação inteira.

(Do Manifesto da Comissão Municipal Republicana, de Novembro de 1908).

Uma certa individualidade, comentando os acontecimentos correntes que estão a envolver o país, confrontando os factos históricos do passado com os sucessos históricos contemporâneos, terminou por concluir que, em boa verdade, não somos uns cidadãos que vivamos em República, mas uns súbditos que nos curvamos perante a tirania toda a ordem. O que para al se estadia em prosopias de democracia republicana não passa duma fantasia velada por uma máscara de setim encarnado forrada de azul e branco. Os ministros, e para se ser ministro basta que se seja «antropologicamente impenetrável» às correntes mentais do nosso tempo, simplesmente geringonçam à volta do princípio da perseguição ao proletariado, essa besta que foi ludibriada na época ominosa da propaganda furibunda das agitações faria-lendas. A *res publica*, a coisa pública, não nos trouxe o equilíbrio económico, a divisão do trabalho útil para todos os cidadãos válidos, a justiça imaneente a que o produtor tem direito, a igualdade de direito e de facto a que todo o ser humano tem jús; o que nos importou, com todas as características de bondalheira, foi os mais irritantes e extravagantes sofismas a tirar as cataratas dos olhos dos papalvos.

O número dos bandarras, não diminuiu, aumentou consideravelmente, e entenderem os seus tentáculos absorventes a todas as fontes de produção dum povo, que se exaure no fundo das baúças ou se despedaça nas entranhas da engrenagem industrial da exploração capitalista. Outrora, o regime das 4 contribuições directas do estado era iníquo; hoje, o sistema das inúmeras contribuições directas do Estado republicano é legítimo, uma necessidade absoluta para sustentar um irrequeto pessoal correligionário, que cautela inveja à antiga e extinta corte pa-laciana. Dantes, o imposto de consumo era considerado uma dura tirania a espolhar a miséria por todas as lares dos trabalhadores, pelos quais os republicanos choravam lágrimas de crocodilo; oprimia na razão directa da miséria do consumidor. Agora, é a coisa mais natural desta vida: *liberta* a nação na razão directa do enriquecimento dos paucos políticos-cadros. Anteriormente a 1910, não havia sciência nas escolas superiores, pedagogia nas normais, bancos nas aulas primárias. Posteriormente àquela data, gloriosa para os que assaltaram o poder, verifica-se que o país permanece no mesmo ninho de analfabetos e bá-

chareis — «a massa de iletrados e o montão diplomado que considera o organismo uma cozinha económica». Em 1908, o manifesto da Comissão Municipal Republicana do Porto, tirado por ocasião da visita do último Bragança àquela capital do norte, ainda reputava o exército e a marinha — uma metáfisica caríssima, um valor nulo, um peso morto que arrastava a nação... vividos que trabalhavam, dos que se destilam em suores e adinamiam em robustez para garantir a orgia dos parlamentos defraudadores dos dinheiros públicos. Felizmente, para que essa metáfisica deixe de ser caríssima e passe a ter algum valor, demo-nos hoje ao luxo de ter cinco coroneis em cada regimento, para que a *inimiga* Alemanha da ontem, a *militarona*, fique sabendo que cá não se tem medo da deslora da amiga Alemanha de hoje e de amanhã. Deixando de ser um peso morto, manifesta a sua actividade, ora arrastando a pais para as sangrentas retaliações das desordens revolucionárias dos partidos, ora levando à frente das suas baionetas, das suas espingardas e dos seus caminhos-mortíferos as legiões do trabalho que a sustentam, apunhalando-lhes na garganta a voz sonora da liberdade e da justiça, quando ela se indigna contra os apêlitos devoradores da felicidade humana. Na logomaquia dos discursos ditirambicos, afirmava-se que o agravamento da divisa cambial afectava a totalidade do *nosso* comércio de importação, sobrecarregando os encargos da divisa pública e encarecendo o custo da vida que incidia, imediatamente, sobre os géneros alimentícios. Nesta quadra estranhamente psicológica em que os banqueiros e *baixistas* tripudiam furiosos e livremente por de sobre as ruínas dum estado agonizante, já ninguém se incomoda com a divisa cambial nem com os géneros alimentícios. Portugal, lá fora, continua a ser considerado como um baúco em que o capitalismo internacional vem receber o seu *coupon*. A fórmula de governar é a mesma: «cobrar empréstimos e lançar impostos, sendo o Banco de Portugal, não um banco do Estado mas para o Estado. Como antigamente...

E como não devia ser assim? A história repete-se. No curso dos tempos idos, encontraram-se um dia, frente a frente, duas soberanias rivais: a *soberania revolucionária que nasce* e a *soberania tradicional que declina* — os republicanos e os monárquicos. Os primeiros agitaram o pendão da revolta, fizeram promessas espalhafatosas de li-

berdade e de felicidade, jurando, pela sua honra e pela sua fé ardente, que arrancariam da miséria o operariado. Este, entusiasmado, ansioso por justiça e por pão, teve a imprudência de cair na adriaticolatria: prestou-lhes todo o seu concurso e a *soberania revolucionária* cresceu. Mas a *soberania tradicional* ainda custava a vencer a radicalmente, ainda tinha alguma força. Nenhuma das duas soberanias teve póis, quando se encontraram frente a frente, energias suficientes para o exterminio uma da outra. E como havia pressa da República se proclamar e se consolidar, *transaccionaram*, despedindo-se um rei-fantoches, odiado já pelos seus próprios aduladores insatisfeitos com as *brésses*, e aceitando-se uma alívio de adesivos descontentes. Deste acordo saiu a *Constituição*...

E depois? Depois o operariado, que estava abismado com a declaração de que o território português poderia alimentar 11 a 12 milhões de habitantes, não alimentando metade, mercê da incompetência monárquica, reclamou o aproveitamento dos baldios, o arroteamento dos terrenos incultos, o aproveitamento das quedas de água, a aplicação de toda a sciência conhecida no desenvolvimento da produção, para, em vez de 11 ou 12 milhões, se poder alimentar 20 ou 30 milhões, tendo-se abundantemente, a portas a dentro, cedendo pacificamente, arrós, açúcar, gado, etc.; depois, ficando no dito republicano da oposição de que a *ma alimentação pobre corresponde uma diminuição das disponibilidades de energia e força para a produtividade do trabalho*, exigiu o cumprimento das promessas, a abolição dos impostos, a anulação dos monopólios, a repressão dos especuladores do comércio e da finança e a eliminação da chusma de intermediários e panfias plutocratas, para que o custo do géneros fosse acessível a todas as bolsas e as energias e forças físicas se revigorassem; depois, tendo ainda na memória as frases impressas em *O Norte*, de 8 de novembro de 1908, segundo as quais os patrões se servem do *burro de carga* para o trabalho e para carretos políticos, achou que tinha agora mais razão, por a miséria ter maior e o roubo mercantil mais descarado, de reclamar aumento de salário, já que a vida não baixou nem os terrenos se cultivaram, já que as falanges dos madraços e usurpadores são em mais avultado número; depois, julgando-se sob um regime de liberdade

des e de democracia, em face do proteccionamento das suas reclamações e do agravamento do seu mal estar, principiou a organizar-se sindical e revolucionariamente para conquistar os direitos que lhe são negados e preparar-se para, directamente, tomar conta dos seus próprios destinos, emancipando-se política, económica e socialmente das turbas de intrujões e ladrões...

E' nesta altura, então, que os *caixeiros* da depauperada, esgotada fazenda pública, que os governos, manta de farrapos dos partidos, enchebada no primeiro talher do liberalismo, falam pela boca de Anselmo Braamcamp: *Um governo não tem obrigação de aplicar, no poder o programa que defendera na opposição*, acrescentando em seguida: os governos republicanos, como os governos monárquicos, sabem que o proletariado é quando se movimenta para reivindicações de carácter político ou social, *materia fustível*...

Viera, para se opor à avalanche proletária, que na pira das antigas promessas não cumpridas queimara as suas últimas ilusões, a estratocrazia quasi permanente. A soberania republicana e a soberania conservadora adesiva e monárquica, *acasalaram-se numa jaula, espécie de «concreto provisório» entre elementos «incompatíveis», em que cada um deles mostra o seu poderio e a sua impotência*. E enquanto o tigre e o leão, em campo fechado, pactuam tréguas, os agentes das feras fuzilam, prendem e encerram os sindicatos que lhes dá na gana... Republicanos e monárquicos entendem-se para o escravizamento do operariado.

Mas a Constituição? — perguntam os burlados. Respondem-lhes os governantes como o frade José Agostinho de Macedo, que se orientava na alma e não na gamela: «*Ora dê-mo-lhe muitas graças*». Mas os direitos individuais? *Esses direitos estão no rabo desta chuleira*. A Constituição exerce-se, como o regime, pelo governador civil no distrito, pela guarda republicana e policia nas ruas, pela campanha presidencial no parlamento, onde existe apenas o cortinado das janelas — no dizer de Mafra. A mesma coacção física de outros tempos, o mesmo apoio nas baionetas. E todavia, se retirassem esses meios de coacção física, que, por minguia de elementos de ordem moral, offendem no mais vivo a soberania do Trabalho; se os fechassem duas horas que fossem, cerrados a bom resguardo, veriam como se esbarram as miséras fôrças constitucionais e burguesas, capitalistas e ladras, de que vivem umas centenas de indivíduos e de que morre uma nação inteira...

Mas não exortem de contentamento as duas fôrças da reacção amancebadas. Apesar das prisões em massa, das incomunicabilidades sistematicamente rigorosas, dos fuziladores e acutiladores, dos esbanjamentos, da fome, do regaço pegado do presente sistema social, político e económico; a despeito da tirania dos mercenários do capitalismo e do Estado oferecerem só estes dois caminhos: *cemitério ou embarque de rezes para terras longínquas*, a terceira soberania há-de levantar-se um dia: — o Proletariado, chegado o dia do ajuste de contas, escorregará da janla as actuais soberanias acasaladas, exterminando-as de vez. Só depois rairá sobre a terra a paz e a felicidade desejadas...

Clemente Vieira dos SANTOS.

## O GOVERNO CONTRA O OPERARIADO

### Os operários que estão nos fortes há 16 dias sem culpa formada, vão ser deportados?

Uma burguesia ininteligente, inimiga declarada de todo o progresso, ignorando a vida moderna, refractária a toda a actividade útil e fecunda, e um bando de políticos roídos de ambições, falhos de mentalidade, desprovidos de escrúpulos, reduziram o país a esta miséria material e moral.

Não há pão para todos, a liberdade existe teoricamente, os escândalos na politica, na vida económica e nos costumes, apontam a decadência espantosa em que a sociedade portuguesa se debata.

O momento actual é extremamente delicado. A sensibilidade social é extraordinária. Quem preside num momento tam grave aos destinos da sociedade portuguesa? António Maria da Silva? Equivale a dizer que governa o desvario, que a ordem está ameaçada pela desordem, que um passado recente sangrento, de bombas, carbonárias, conspirações e revoltas está no Terreiro do Paço preparando uma convulsão espantosa, ameaçando o sossego, a liberdade, a vida de 6 milhões de habitantes.

A bomba, a desordem tem expressão ministerial. Alçapremou-se no Terreiro do Paço — e chama-se António Maria da Silva. E' uma onda negra de odios, de perseguições e de violências que invade o país.

A anormalidade normalizou-se. O desprezo pelo direito fecunda o crime, e o governo atentando contra a lei, encarcerando e perseguindo operários, collocou-se resolutamente ao lado do crime contra o direito.

Os operários estão em S. Julião da Barra e no forte de Sacavém pelo facto de estar no Terreiro do Paço o sr. António Maria da Silva. Contudo nenhum operário tem um passado de ilegalidades semelhante ao do chefe do governo.

## O PROTESTO OPERARIO

### Empregados de Escritório

Na assembleia geral desta Associação realizada na passada quinta-feira foi aprovado o seguinte documento.

A Associação de Classe dos Empregados de Escritório reuniu em assem-

bleia geral lavra o seu veemente protesto contra as arbitrárias prisões efectuadas, por ordem do governo, de militantes operários.

### Sindicato Unico Metalúrgico

Reuniram ontem os Corpos Gerentes e a Comissão da Caixa de Solidariedade do Sindicato Unico Metalúrgico, tomando conta das quetes abertas em diversas oficinas que renderam 98\$18 centavos, resolvendo entregar essa quantia à Comissão Central Pró-Presos. Mais resolveu que hoje um camarada leve o auxilio aos camaradas que se encontram no hospital e Limoeiro, indo outro camarada na terça-feira a Sacavém e na quarta-feira a S. Julião da Barra.

### Juventude Sindicalista de Lisboa

O Núcleo de Juventude Sindicalista de Lisboa, em face das perseguições aos jovens sindicalistas, aconselha a máxima coesão e firmeza neste momento em que periga a liberdade e pão de dezenas de famílias.

Resolveu aguardar as resoluções da Federação das Juventudes Sindicalistas e ir até onde for preciso para conseguir a libertação dos seus camaradas. Sauda todos os jovens sindicalistas presos, vítimas da reacção.

### Juventude Socialista

Na reunião de ontem, da Juventude Socialista (Núcleo Central) foi aprovada uma moção de enérgico protesto contra a obra reaccionária do governo chefiado pelo sr. António Maria da Silva e resolveu saudar os camaradas presos oferecendo-lhes todo o apoio moral.

Sauda também todas as classes em luta.

Reúne na próxima terça-feira pelas 20 horas no local do costume.

### Operários Chapeleiros

Não pode esta classe ficar silenciosa perante tam monstruosos atentados à liberdade praticados por um governo que se diz democrático, mas que na sombra está favorecendo escandalosa e reaccionária a reacção politica, económica e religiosa, atirando canibalescamente para os diversos fortes operários honestos, pelo único delito de, dentro dos seus sindicatos, trabalharem por melhoria de situação das suas classes. A fúria de prender é tal que até vão à consumação de irem efectuar prisões de indivíduos indiferentes à organização e pretenderem efectuar as de indivíduos mortos há tempos uns, já presos outros, quando os próprios governantes sentindo ou fingindo sentir a sempre crescente carestia da vida aumentam os salários a eles próprios! Não pode esta classe ficar silenciosa! Damos e por estas razões expostas a todos os camaradas protesto contra os demandos dum governo saído do partido mais feroz inimigo da classe trabalhadora e

consequentemente de todo o progresso social.

### ALMADA

#### União dos Sindicatos Operários

Reuniu a comissão administrativa da U. S. O., que lavrou o seu protesto mais veemente contra as prisões ultimamente efectuadas, tanto em Almada como em Lisboa e resto do país, enviando saudações a todos os camaradas presos, vítimas da má organização desta sociedade agonizante.

### SEIXAL

#### Núcleo da Juventude Sindicalista

Reuniu a comissão administrativa, tendo deliberado protestar contra a forma arbitrária e violenta como os governantes estão perseguindo a classe trabalhadora e especialmente as Juventudes Sindicalistas.

### BEJA

#### Núcleo da Juventude Sindicalista

Reuniu em assembleia geral, tendo protestado indignadamente contra a forma arbitrária como o governo está procedendo, encarcerando dezenas de operários sem que estes tenham cometido delito algum. Protesta também contra o encarceramento de alguns orgãos operários.

## NOTAS & COMENTARIOS

### A oportunidade

O Mando, de ontem, fazia em editorial considerações trágico-cômicas acerca das greves.

Numa palavra: *O Mando* não acha oportuno o momento para reclamações de aumento de salário. E' interessante a opinião do referido jornal. Desde a primeira greve levada a efeito pelas classes trabalhadoras, que os jornais burgueses não acham oportunas as reclamações...

### Arte e artistas

Abriu ontem no salão da *Ilustração Portuguesa* a exposição do pintor modernista sr. António Soares. Brevemente o nosso critico se pronunciará.

### A oratória

Terminou o julgamento dos reus de Serrazes. Gastaram-se palavras sem conto, os advogados, tanto de defesa como de accusação, fizeram discursos brilhantes. A oratória portuguesa lucrou muito com aquele julgamento que certos jornais quizeram tornar célebre. Mas quando perdeu a ideia de justiça!

### Uma confissão

Uma passagem dum discurso do sr. Cunha e Costa, no julgamento de Coimbra: «O homem é o mais perverso, o mais criminoso dos animais, quando se divorcia da verdade».

Ora o sr. Cunha e Costa tem sido por várias vezes republicano e monárquico. Seria interessante conhecer quando ele esteve na verdade ou deia andou divorciado.

Se é que o divórcio não tem sido permanente. A ser assim consideramos que a frase do sr. Cunha e Costa é severa, demasiado severa.











# Serviço de livraria

# A BATALHA

Na Administração deste diário operário encontram-se à venda todas as obras de educação profissional, de ciência, filosofia, sociologia, higiene e esperanto; brochuras e folhetos de propaganda sindicalista, anarquista, comunista e socialista; romances sociais, teatro livre, canções sociais e revolucionárias, postais ilustrados, retratos de propagandistas operários, livros operários, etc.

Além das obras que anunciamos, satisfazem-se todas as encomendas de quaisquer quantidades de livros, que venham acompanhadas das respectivas importâncias, acrescidas de 10 por cento para porte do correio e mais 510 para registro.

Auxilia-se A Batalha, adquirindo todos os livros por intermédio da administração da mesma.

Não se enviam livros à cobrança pelo correio.

Todos os pedidos de livros, acompanhados das respectivas importâncias, devem ser endereçados ao Serviço de livraria de A BATALHA.

CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º ANDAR  
Lisboa-Portugal

## FORMIOL

### TONICO MUSCULAR

REGISTADO



Medicamento de alta qualidade na cura de fraqueza geral, fraqueza cerebral, aversão à memória e evasão à neurasenia. Os seus maravilhosos efeitos são absolutamente garantidos no tratamento da anemia, tuberculose, fraqueza genital, doenças do coração e pulmões, afecções nervosas, suores nocturnos, prostração física, menstruações irregulares, perdas seminais, escrofulas, infatigabilidade, fadiga, insónia, digestões laboriosas e fraqueza senil. Tonicidade por excelência do sistema nervoso muscular, quinquuplicando as forças e evitando a

pobreza fisiológica traduzindo-se o seu efeito no aumento de peso e das forças. As pessoas que habitam nos climas quentes e as que se dedicam ao sport tem absolutamente necessidade de fazer uso do Formiol com o fim de evitar o esgotamento físico derivado do excesso do clima e do abuso das forças. A distinta classe médica faz uso pessoal e na sua clinica deste superior medicamento, assim como milhares de pessoas

que se tem tratado das doenças indicadas e sempre com óptimos resultados. Não tem medo de vender em todas as boas farmácias e drogarias. Preço: 5 escudos. Correo, até 2 francos, mais 50 centavos.

Deposítários em Lisboa: Farmacia Barral, R. do Ouro, 128; Estácio, Rocio, 69; Azereiro, Rocio, 11; Quintana, R. de Santa, 133. — Porto: Farmacia Herra, Praça da Liberdade, 124. — Coimbra: Farmacia Nazareth, R. Ferreira Borges, 129. — Santarém: Farmacia Bastos, R. da Misericórdia, 121. — Setúbal: Farmacia Oliveira, R. da Misericórdia, 14. — Braga: Instituto Galenico, Praça do Conde d'Aguiar, 25. — Évora: Farmacia Ferro, R. João de Deus, 35. — Faro: Bandeira & C.ª, R. de Santo Antonio, 50. — AFRICA OCIDENTAL — S. Tomé: José Pedro da Fonseca, R. Genera (Colheira). — Loanda: Serra, Annes & Irmão. — Benguela: Farmacia Continental.

DEPOSITO GERAL — Farmacia Albano

57, R. da Escola Politécnica, 59 — Lisboa

## Belsaúde VITERI

Cigarrilhas medicinais ultra-elegantes  
Cura rapidamente

Catarrhos, defluxos, laryngites, bronquites, tosse, pigarro, rouquidão, e apressam a cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz, olhos, bronquios e pulmões.

1.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais prático dos inaladores.  
2.º É usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a cariedade e por todas as pessoas que tem de suportar óculos d'audivos porque as defende de contágios perigosos.  
3.º São usadas pelas pessoas idosas, pelas astmáticas ou que sofrem de bronquites crônicas, porque limpando o pigarro abrem-se o apetite e permite-lhes sonos reparadores seguidos.  
4.º Limpando o pigarro, combate a rouquidão, abafa a voz e fortalece as cordas vocais; por isso são usadas pelos que cantam ou falam em público.

O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

5.º Atenua a acção nociva da nicotina que se deposita nas vias respiratórias dos fumadores e de quem com eles convivem, evitando-lhes o cancro e o catarro gastrico.  
6.º Desentorpece o cérebro fatigado, activa as faculdades intelectuais, evitando o surto de insónia. Usadas por todos os que pensam muito.  
7.º Usadas pelos que viajam ou frequentam casas dos doentes, porque o fumo saneia o ambiente e introduz-se em todas as células das vias respiratórias, prevenindo as doenças contagiosas, ta como: tuberculose, coqueluche, pneumonia, difteria, angina, etc.

Há conveniência em engulir o fumo

PREÇO DAS CIGARRILHAS

Fórmula corrente: 80 centavos — Fórmula n.º 2 (forte) cart. 90 centavos  
Fórmula n.º 3 (fortissimo) cart. 1\$00

Depósito dos preparados com sêlo VITERI:

Vicente Ribeiro & C.ª Suc.ª  
Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

## Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mesclas em cores lindíssimas, formatos dos mais famosos fabricantes estrangeiros  
GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

ESPECIALIDADE EM CHAPEUS DE SEDA E FLAMÃO



Armazem e esportório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33  
1.ª Sucursal: — Rua dos Poais de S. Bento, 74, 74-A  
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29  
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

## GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

UMA SEMANA DE

### SALDOS SENSACIONAIS

EM TODAS AS SECÇÕES

para dar lugar aos novos e deslumbrantíssimos

### SORTIDOS DE VERÃO

cuja inauguração terá lugar

### SEGUNDA-FEIRA, 3 DE ABRIL

### 17.º ANIVERSÁRIO

— DOS —

## GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

### PREVENÇÃO IMPORTANTE

Todos os sortidos dos Grandes Armazens do Chiado e suas 21 filiais foram adquiridos e pagos antes das últimas subidas de preços e antes do enorme agravamento cambial, o que equivale a dizer que todos os artigos são vendidos 20 a 25 0/0 mais barato que o seu valor real actual.

— Os Grandes Armazens do Chiado são, em todo o país, os que maior e mais variado sortido têm, os que mais barato vendem e os que mais comodidades e garantias oferecem ao público.

— Os Grandes Armazens do Chiado não devem nada a ninguém, efectuando todas as suas compras a pronto pagamento, quer no país, quer no estrangeiro.

— Os Grandes Armazens do Chiado possuem fábricas suas onde produzem uma grande parte dos artigos que directamente, e sem intermediários, expõem à venda, única forma de ninguém poder competir com eles!

— Os Grandes Armazens do Chiado são em Portugal, sem poderem ser desmentidos, a maior empresa comercial no seu género.

Quereis o vosso relógio concertado com garantia e por preço módico? Leva-o ao

33 de S.º André

actualmente  
Largo Rodrigues de Freitas, 33  
(em frente do chafariz)

OFICINA DE RELOJEIRO E OUVRES

DE ALVES D'ANDRADE, L.ª

A' grande Baixa de Calçado

a Sapataria Social Operária

Sapatos em cal-preto para senhora 11\$00

Sapatos em verniz todos os modelos 20\$00

Botas cal-preto grandes 21\$00

Botas cal-preto com duas solas 22\$50

Grande saldo de botas brancas 16\$15

Um colossal sortimento em calçado para crianças

Grande saldo de botas de cor para homem a 23\$00

Vão ver, pois só lá se encontra Barato e Bom

18, R. dos Cavaleiros, 20, com filial no n.º 69

A BATALHA

Diário da manhã

Porta-voz da Organização Operária Portuguesa

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Continente e ilhas, 1 mês, 2\$50; 3 meses, 7\$50; 6 meses, 12\$00; 1 ano, 20\$00.

África Ocidental e Espanha, 3 meses, 7\$50; 6 meses, 12\$00; 1 ano, 20\$00.

Colónias portuguesas, 6 meses, 20\$00; 1 ano, 40\$00.

Países estrangeiros, 6 meses, 25\$00; 1 ano, 45\$00.

O pedido de assinatura e de quaisquer obras da secção de livraria de A Batalha devem ser acompanhados das respectivas importâncias e dirigidos à administração de A Batalha, Calçada do Combro, 38-A, 2.º, Lisboa-Portugal.

ANÚNCIOS

Recebem-se na administração de A Batalha e em casa dos seus agentes das respectivas, nas agências Havas, Bastos & Gonçalves e demais agências de anúncios. Não se publicam comunicados e anúncios com carácter particular ou a vida privada de qualquer pessoa.

CORRESPONDÊNCIA

A correspondência relativa à redacção de A Batalha e em casa dos seus agentes das respectivas, nas agências Havas, Bastos & Gonçalves e demais agências de anúncios. Não se publicam comunicados e anúncios com carácter particular ou a vida privada de qualquer pessoa.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Calçada do Combro, 38-A, 2.º

TELEFONE 5339

Vida Natural

(Órgão da Sociedade Naturista)

Revista de cultura integral da vida humana

Encontra-se à venda o n.º 1 na administração de A Batalha

### ASSALTOS, GREVES E TUMULTOS ÚTIL A TODOS

A MUNDIAL, mercê de contratos firmados com as mais poderosas Companhias de resseguros estrangeiras, está actualmente em condições de efectuar estes seguros, que tanto lhe tem sido solicitados pela sua numerosa clientela.

Dirigir pedidos e informações a



## A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital 500:000\$00 — Reservas: 640:696\$14,7

SEDE EM LISBOA DELEGACÃO NO PORTO

Rua Garrett, 95 — Tel. 4084 R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

Tel. 1459

### O BRIC A' BRAC DE ALCANTARA

DE JOSÉ JOAQUIM NICOLAU VERISSIMO

37, Rua de Alcantara, 37 — Sucursal: III, Rua do Livramento, 113

LISBOA

COMPRA, VENDE E TROCA MOVEIS NOVOS E USADOS

de diferentes objectos

Palha de milho, K.º \$45 ctvs., fina, K.º \$75 ctvs., centeio, K.º \$350

5 o/0 de desconto aos assinantes de A BATALHA

### ARMAZEM APOLO

30, Rua do Amparo, 34

### BARBEITOS & LEÃO

Participam a todos os amigos e camaradas que tomaram a gerência daquele

armazem, onde se encontra um grande e variado sortimento de artigos de

Chapelaria e Sapataria

Chapelaria e Sapataria

Chapelaria e Sapataria

Chapelaria e Sapataria

Chapelaria e Sapataria

Chapelaria e Sapataria

Chapelaria e Sapataria

Chapelaria e Sapataria

Chapelaria e Sapataria

Chapelaria e Sapataria

Chapelaria e Sapataria

Chapelaria e Sapataria

Chapelaria e Sapataria

Chapelaria e Sapataria

### Estas doenças...



que tanto atacam as crianças, tornando-as feias e às vezes repugnantes, curam-se com

"VITERADIUM"

É o mais recente remédio para: eczemas, empingens, queimaduras, erupções, borbulhagem, queimaduras e todas as afecções da pele em geral.

Tubo, 5\$00. Pelo correio, mais \$30

Depósito:

VICENTE RIBEIRO & C.ª

SUCESORES

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.